

CONFUSÃO, DISTINÇÃO E EXPRESSÃO: TRÊS CHAVES PARA ABORDAR QUALIDADES SENSÍVEIS EM LEIBNIZ

Maria Júlia Bertolio⁸⁴

Resumo: Com o surgimento da Modernidade e a consolidação de uma visão mecanicista da natureza, uma nova diferenciação é introduzida entre dois tipos de propriedades atribuídas aos corpos. Todo evento físico pode ser explicado exclusivamente em termos de impactos entre corpos em movimento, na medida em que a natureza do mundo físico é reduzida a corpos materiais aos quais são atribuídas apenas qualidades como tamanho, forma, posição e movimento. Desse modo, as propriedades mecânicas, que John Locke chamará de propriedades primárias, são frequentemente consideradas propriedades reais presentes nos corpos, enquanto qualidades como cor, calor, sabor (definidas como propriedades secundárias) tornam-se ontológica e epistemologicamente problemáticas, dando origem a uma série de debates sobre o funcionamento adequado dos sentidos, a natureza das representações mentais que produzem e seu valor cognitivo. Este debate, que atravessa grande parte do pensamento moderno, também concerne a Leibniz, embora, em seu caso a questão se inscreva no quadro de uma metafísica mais complexa. No presente artigo, nos propomos a examinar a concepção leibniziana das qualidades sensíveis através da análise de três das suas dimensões essenciais: sua natureza confusa, sua possível distinção e seu caráter expressivo.

Palavras-chave: Modernidade, Leibniz, Locke, qualidades sensíveis.

Abstract: Since the emergence of Modernity and the consolidation of a mechanistic view of nature, a new differentiation was introduced between two types of properties attributed to bodies. Every physical event can be explained exclusively in terms of impacts between bodies in motion, to the extent that the nature of the physical world is reduced to material bodies to which only qualities such as size, shape, position and movement are attributed. In this way, mechanical properties, which John Locke would call primary properties, are often considered real properties present in bodies, while qualities such as color, heat and taste (defined as secondary properties) become ontologically and epistemologically problematic, giving rise to a series of debates about the proper functioning of the senses, the nature of the mental representations they produce and their cognitive value. This debate, which runs through much of modern thought, also concerns Leibniz, although in his case the issue falls within the framework of

⁸⁴ Universidade Nacional de Rosario - UNR - Argentina. E-mail: juliabertolio@yahoo.com.ar.

more complex metaphysics. In this paper, we propose to examine Leibniz's conception of sensible qualities through the analysis of three of its essential dimensions: its confused nature, its possible distinction and its expressive character.

Keywords: modernity, Leibniz, Locke, sensible qualities.

Com o surgimento da modernidade e a consolidação de uma visão mecanicista da natureza, uma nova diferenciação é introduzida entre dois tipos de propriedades atribuídas aos corpos. Nessa perspectiva, todo evento no mundo físico pode ser explicado exclusivamente em termos de impactos entre corpos em movimento, na medida em que a natureza do mundo físico é reduzida a corpos materiais aos quais são atribuídas apenas qualidades como tamanho, forma, posição e movimento. Desse modo, as propriedades mecânicas (que Locke chama de propriedades primárias), são frequentemente consideradas propriedades reais presentes nos corpos. Por outro lado, qualidades como cor, calor, sabor (definidas como propriedades secundárias) tornam-se ontológica e epistemologicamente problemáticas, dando origem a uma série de debates sobre o funcionamento adequado dos sentidos, a natureza das representações mentais que produzem e seu valor cognitivo. Em termos gerais, as diferentes concepções de qualidades secundárias na Filosofia Moderna têm sido articuladas em torno de três abordagens principais, de acordo com Allison Simmons (2015):

- a) as qualidades secundárias existem apenas na mente do observador e resultam das qualidades primárias dos corpos;
- b) as qualidades secundárias são, em última análise, redutíveis a qualidades primárias;
- c) as qualidades secundárias são poderes nos corpos para produzir tais qualidades. representações em quem percebe.

Este debate, que atravessa grande parte do pensamento moderno, também concerne a Leibniz, embora, em seu caso, a questão se inscreva no quadro de uma metafísica mais complexa. De fato, Leibniz não ficou alheio a esta discussão: sua concepção do mundo físico, embora compatível com o mecanicismo, é interpretada como a luz de seu sistema metafísico, no qual a matéria assume um caráter fenomênico. Neste contexto, as qualidades sensíveis representam um problema particular, uma vez que sua natureza composta e seu caráter confuso parecem desafiar a possibilidade de reduzi-las a qualidades mecânicas e como explicá-las exclusivamente em termos subjetivos. Isso gerou um debate entre os comentaristas de Leibniz sobre como ele posiciona sua teoria em relação às concepções anteriores e em que medida o pensador conseguiu dar forma acabada a uma interpretação unificada e coerente das

qualidades sensíveis. No que segue, nos propomos a examinar a concepção leibniziana das qualidades sensíveis através da análise de três das suas dimensões essenciais: sua natureza confusa, sua possível distinção e seu caráter expressivo.

Ao contrário de Descartes e Locke, Leibniz adverte que, embora as qualidades sensíveis se apresentem aos sentidos como simples atributos, estas constituem, na realidade, noções compostas. As noções de qualidades sensíveis vêm de nossas percepções conscientes (apercepções), que são por natureza complexas na medida em que contêm uma multiplicidade de pequenas percepções que não podemos distinguir isoladamente. Neste sentido, Leibniz sustenta que as qualidades sensíveis são simples em relação a nós.⁸⁵

Como corolário do acima exposto, o conhecimento que deles obtemos através dos nossos sentidos (isto é, através das nossas percepções sensoriais) nos permite reconhecer essas qualidades quando elas são apresentadas, mas não é suficiente para diferenciar com precisão suas notas particulares. Em termos leibnizianos, isto significa que os nossos sentidos só podem nos fornecer uma compreensão clara e confusa das noções de qualidades sensíveis. Nos *Novos Ensaios* ele escreve:

Uma ideia pode ser clara e confusa ao mesmo tempo: tais são as ideias das qualidades sensíveis, afetas aos órgãos, como a da cor e do calor. Elas são claras, visto que as reconhecemos e discernimos umas das outras, porém não são distintas, porque não se distingue o que elas encerram. Assim sendo, não é possível defini-las. Só as fazemos conhecer por exemplos. (NE, II, XXIX, §4)⁸⁶

As noções de qualidades sensíveis, como cores, cheiros, sabores, são por natureza confusas. Tais noções e as percepções que surgem destas contêm uma multiplicidade de componentes que não são percebidos, o que torna impossível defini-los nominalmente. Este conteúdo implícito dá-lhes a aparência de noções simples e, ao mesmo tempo, os impede de apontar marcas distintivas em virtude das quais identificamos uma certa percepção ou ideia, como a percepção ou ideia de tal e tal qualidade sensível. Portanto, dada a natureza das qualidades sensíveis, o conhecimento de que delas podemos alcançar é irremediavelmente confuso. Tanto que Leibniz usa repetidamente o exemplo das qualidades sensíveis como um caso paradigmático deste grau de conhecimento. Assim, nas *Meditações sobre o Conhecimento, a Verdade e as Ideias*, lê-se:

⁸⁵ “Creio que só se pode dizer aparentemente que estas ideias sensatas são simples, uma vez que, sendo confusas, elas não dão ao espírito nenhum meio de distinguir o que contêm. [...] É evidente que o verde surge da mistura de azul e amarelo; então você pode pensar que a ideia de verde também é composta dessas duas ideias. E, no entanto, a ideia de verde é tão simples para nós quanto a ideia de azul, ou o calor. Por esta razão, devemos considerar que as ideias de azul e calor são apenas simples na aparência.” (NE, II, II, §1) Cf. A I 21, 330. Todas as traduções dos Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano de Leibniz seguem a tradução brasileira de Luiz João Baraúna, da coleção *Os Pensadores*, Editora Nova Cultural, São Paulo, 2000.

⁸⁶ Cf. A I 21, 329-331

Confuso, quando não consigo listar separadamente as notas necessárias para distinguir essa coisa das outras, mesmo que essa coisa realmente possua tais notas e requisitos nos quais sua noção pode ser decomposta: assim como reconhecemos com clareza suficiente as cores, cheiros, sabores e outros objetos dos sentidos e nós os diferenciamos uns dos outros, mas pelo simples testemunho dos sentidos e certamente não por notas enunciáveis. Por essa razão, você não pode explicar a uma pessoa cega o que é vermelho, nem fazer com que outras pessoas saibam coisas desse tipo, a menos que você as coloque na presença da coisa e as faça ver, cheirar ou provar, ou as induza a lembrar de certas percepções semelhantes às que vivenciaram no passado. (A VI, 4, 586).

Em outras palavras, qualidades sensíveis só podem ser apreendidas por meio da experiência direta, isto é, ostensivamente. Até agora, a relevância de sua natureza confusa sugere uma posição que, à primeira vista, coincide com a ideia de que as qualidades sensíveis existem na mente do observador como experiências, sensações, impressões (e não na coisa percebida). Com isso em mente, poderíamos pensar que Leibniz adota uma posição próxima ao subjetivismo radical em relação às qualidades sensíveis. Contudo, embora o filósofo ressalte seu caráter confuso, em outras passagens reconhece que é possível alcançar um conhecimento distinto das qualidades sensíveis na medida em que podem ser explicadas mecanicamente. De fato, imediatamente após o fragmento que acabamos de citar, Leibniz esclarece: “Em todo caso, é verdade que as noções dessas qualidades são compostas e podem ser decompostas em seus elementos, pois têm suas causas”. E, no final da escrita, ele conclui:

Além disso, quando percebemos cores ou cheiros, geralmente não temos outra percepção senão a de figuras e movimentos, mas assim numerosas e insignificantes que nossa mente neste estado atual, não consegue considerar distintamente cada coisa particular (A VI, 4, 586).

Afirmações como estas sugerem que, para Leibniz, as qualidades sensíveis não só são redutíveis a qualidades mecânicas, mas também são suscetíveis ao conhecimento distinto. Ora, o facto de no mesmo escrito Leibniz se referir a ambas as perspectivas indica, em nossa opinião, que ele não as considera explicações rivais, mas sim que sua concepção articula um subjetivismo moderado com uma leitura mecanicista das qualidades sensíveis.⁸⁷ Na verdade, na medida em que as qualidades sensíveis resultam da impressão que os objetos materiais externos produzem em nossos órgãos sensoriais, a interpretação se aproxima de uma concepção subjetivista. Nesta perspectiva, as qualidades sensíveis são “qualidades aparentes”, “fantasmas”, que existem apenas enquanto algo está sendo percebido. Contudo, este não é um subjetivismo radical, mas sim moderado, uma vez que as qualidades sensíveis não dependem de maneira absoluta de cada indivíduo perceber, mas eles são o que são para qualquer observador que as percebe em circunstâncias usuais. Além disso, como temos visto, Leibniz sustenta que essas qualidades sensíveis podem ser explicadas mecanicamente, o que implica que podem ser reduzidos a qualidades mecânicas. Leibniz reforça essa posição ao afirmar:

⁸⁷ Seguimos nesta questão à interpretação oferecida por Puryear (2013).

(..)quando o órgão e o meio são constituídos como deve ser, os movimentos internos e as ideias que os representam à alma se parecem aos movimentos de objeto que causam a cor, o calor, a dor, etc., ou, o que aqui é a mesma coisa, o exprime por uma relação bastante exata, embora esta relação não nos apareça distintamente, pelo fato de que não podemos distinguir esta multidão de pequenas impressões, nem na nossa alma nem no nosso corpo nem no que está fora. (NE II, VIII, §21)

Por não serem mais do que representações ou efeitos de uma série de figuras e movimentos presentes nos corpos, essas qualidades podem, portanto, ser definidas sem termos mecânicos. Em outras palavras, eles podem ser representados pelo que Leibniz chama de noções sensíveis e inteligíveis⁸⁸, o que nos permitiria afirmar que é possível adquirir conhecimento que não seja meramente perceptivo sobre qualidades sensíveis. No entanto, se assim fosse, então uma questão permanece em aberto: por que Leibniz insiste na confusão das qualidades sensíveis como uma das suas características inerentes, distintiva e irreversível? Em uma conhecida carta de Leibniz a Sophie-Charlotte, onde discute “o que não depende nem dos sentidos nem da matéria”, o filósofo escreve:

Não nego que muitas descobertas foram feitas sobre a natureza destas qualidades ocultas: sabemos, por exemplo, por que tipo de refração produzem azul e amarelo, assim como a mistura dessas duas cores produz verde. Mas isso não nos permite entender como a percepção que temos dessas três cores se baseia nessas causas. [...] não é possível dar sinais distintivos, por exemplo, para reconhecer o azul se ele ainda não foi visto. Portanto, o azul é sua marca distintiva, e para que um homem saiba o que é azul, ele deve necessariamente ser mostrado a ele. (A I 21, 330).

Com esta afirmação, Leibniz sustenta que uma explicação física das qualidades sensíveis não elimina a confusão inerente a essas noções, nem substitui a experiência direta, pois esta é a única maneira de conhecer verdadeiramente uma qualidade sensível. Por exemplo, uma pessoa cega de nascença pode conhecer a definição de amarelo e explicar suas causas físicas, mas se ele recuperasse a visão, não seria capaz de reconhecê-lo quando você o percebe pela primeira vez. Isto implica que o conhecimento distinto das qualidades sensíveis é ineficaz para a experiência cotidiana, na medida em que as definições que a física pode outorgar sobre as cores fornecem um conhecimento obscuro da qualidade como uma qualidade sensível. Portanto, as noções de qualidades sensíveis não podem ser substituídas, sem perda, por seu correlato inteligível. O exposto indica, portanto, a existência de uma redundância ou pleonasma de noções.⁸⁹

(...) as qualidades sensíveis são acompanhadas de circunstâncias têm ligações com elas, embora esta ligação não seja compreendida por nós. E estas circunstâncias fornecem algo de explicável e de suscetível de análise, e que nos autoriza a esperar, de que poderemos um dia descobrir as razões desses fenômenos. Assim, acontece que há uma forma de *pleonasma* nas percepções que temos das qualidades sensíveis, como também das massas sensíveis, existe uma espécie de pleonasma; e esse pleonasma consiste em possuímos mais do que uma noção do mesmo sujeito. (NE, III, IV, §16).

⁸⁸ 4 A I 21, 328-346

⁸⁹ Cf. Puryear, 2005, pág. 112

Ou seja, para cada qualidade sensível existem pelo menos duas noções: uma sensível, irremediavelmente confusa, e outra inteligível, diferente até certo ponto. A primeira, a confusa, é obtida diretamente através da experiência sensorial; a segunda vem da razão e da experimentação que nos permitem conhecer as circunstâncias físicas que acompanham a ideia confusa correspondente. Essas noções são alcançadas aplicando conceitos matemáticos a explicações físicas, o que nos permite explicar as causas, isto é, dos mecanismos dos quais resultam as qualidades confusas.⁹⁰ Assim, embora uma pessoa nascida cega possa adquirir noções distintas de cor e luz, as noções confusas dessas qualidades são inatingíveis para ele, pois exigem contato direto entre o órgão sensorial e o objeto percebido.(...) [uma pessoa cega de nascença] pode entender óptica, pois depende de diferentes ideias e matemáticas, ainda que não possa conceber o que nela há referindo-se ao claro-confuso, isto é, à imagem da luz e das cores. (NE II, IX)

Neste ponto é necessário nos deter e fazer um esclarecimento crucial: se as qualidades sensíveis podem ser reduzidas à uma noção distinta por meio de uma explicação mecânica, mas esse conhecimento não permite reconhecer a qualidade ao percebê-la. Poderíamos concluir que estamos perante um caso de conhecimento distinto e obscuro para ambos: distinto, na medida em que posso enumerar as notas distintivas da noção; mas obscura, pois meu conhecimento é insuficiente para identificar a qualidade quando isso me é apresentado na experiência. Esta conclusão, no entanto, parece entrar em contradição com a classificação hierárquica do conhecimento que propõe Leibniz.

Para evitar esta interpretação equivocada, é necessário alertar, como propõe Puryear, que o conhecimento distinto ao qual Leibniz se refere não é o conhecimento das qualidades sensíveis em si mesmas, mas das circunstâncias ou condições que as acompanham. As qualidades sensíveis são perceptíveis apenas pelos sentidos, que nos fornecem um conhecimento irremediavelmente confuso, uma vez que estes mostram como simples o que é complexo por natureza. Daí se deriva a impossibilidade de definir nominalmente as noções de qualidades sensíveis, impossibilidade inerente à sua natureza sensível. Por outro lado, o conhecimento distinto é o conhecimento das circunstâncias que acompanhar a percepção das qualidades sensíveis⁹¹, pertence ao campo da física e da razão e não requer contato direto para ser adquirido. Este conhecimento permite-nos distinguir as notas distintivas destas circunstâncias. Apesar disso, o conhecimento distinto não elimina a confusão da noção de qualidade sensível, pois não me permite distinguir a qualidade sensível pela percepção dela, mas apenas inferir sua presença pelo reconhecimento das circunstâncias concomitantes.

⁹⁰ Cf. Raffo Quintana (2025)

⁹¹ Cf. L, 285.

Até aqui analisamos o problema das qualidades sensíveis em Leibniz sob duas perspectivas: seu caráter confuso e irreduzível na experiência sensorial e a possibilidade de se chegar a um conhecimento distinto delas por meio de uma explicação mecânica. No entanto, isso parece ter nos levado a um novo problema. Se, como notamos, a noção confusa refere-se à qualidade sensível, enquanto a noção distinta alude às circunstâncias que sempre as acompanham, isto é, às suas causas, como é possível afirmar que, para cada qualidade sensível, existem pelo menos duas noções: uma confusa e outra distinta? Ou seja, até que ponto essas noções referem-se à mesma coisa? Além disso, como é possível que, quanto mais avançamos no conhecimento das qualidades sensíveis, menos conhecemos as qualidades “sensíveis”? Para abordar estas questões, recorreremos finalmente à noção leibniziana de expressão e apontaremos alguns aspectos relevantes da expressividade das qualidades sensíveis.

Quanto à concepção leibniziana de expressão, ela supõe uma complexidade que excede os propósitos deste trabalho. Neste sentido, nós limitar-nos-emos a assinalar que Leibniz concebe a expressão como uma relação que se estabelece entre dois objetos que poderíamos chamar “expressante” e “expressado”. A expressão de uma entidade em outra implica uma correspondência estrutural entre elas, o que torna possível que, através do exame do expressante, possamos adquirir conhecimento sobre o que é expresso.⁹² Sendo assim, Leibniz sustenta que as nossas noções de qualidades sensíveis expressam as propriedades mecânicas que as geram, mesmo que não sejamos capazes de captar essa relação causal. Nos *Novos Ensaios*, ele explica que:

As ideias sensoriais dependem da especificidade das figuras e movimentos, e as expressam com precisão, mesmo quando não podemos desvendar esses detalhes em meio à confusão de uma multidão e pequenez muito grande, que se dá em ações mecânicas que impressionam nossos sentidos. (NE IV, VIII, §7)

Esta afirmação indica que as qualidades sensíveis, embora sejam confusas para nós, não são arbitrárias nem ilusórias, mas expressam a estrutura mecânica do mundo físico. A confusão deve-se à incapacidade do sujeito perceptivo de diferenciar os elementos que constituem a nossa percepção sensorial na medida em que existem uma multiplicidade de pequenas percepções que deixamos de perceber, caindo abaixo do limiar de nossas percepções conscientes. Nesse sentido, nossas percepções sensoriais expressam a estrutura do mundo material externo a nós, mas o fazem de maneira confusa. Leibniz ilustra essa relação com o exemplo de uma roda dentada em rotação. Assim, dando continuidade ao fragmento citado acima, ele escreve:

Mais ou menos a mesma coisa acontece com os dentes de uma roda, cuja ideia não pode ser desvendada, apesar de constituir a causa, na percepção de um transparente artificial, [...] e que é formado pela rotação rápida de uma roda dentada, o que os faz desaparecer seus dentes e em

⁹² Para um exame mais detalhado na noção de expressão, ver: Kulstad (1977, 2006), Swoyer (1995), Puryear (2006), Herrera Castillo (2012-2018).

seu lugar aparece um *continuum* transparente imaginário, composto pelas aparições sucessivas dos dentes e seus intervalos, mas que passam em sucessão tão rápida que nossa fantasia não consegue distingui-los. Na noção distinta dessa transparência aparecem evidentemente os dentes, mas na percepção sensorial confusa não, pois sua natureza consiste em ser e permanecer confusa. (NE IV, VIII, §7)

Segundo esta passagem, a imagem confusa da transparência não é uma mera ilusão, mas uma verdadeira expressão da roda em movimento configurada de um ponto de vista específico: a de um observador com capacidade limitada de apercepção. É precisamente na medida em que as qualidades sensíveis expressam a realidade, o que Leibniz atribui a eles o status ontológico de fenômenos bem fundados. É um estatuto ontológico intermediário, uma vez que as qualidades sensíveis não constituem ficções absolutas, mas também não constituem efetivamente o real (que, como sabemos, é dado pelas mônadas imateriais). Por outras palavras, a estrutura interna das qualidades sensíveis corresponde à estrutura mecânica do mundo físico. Daí a relação expressiva entre ambos e o caráter de fenômenos bem definidos fundada atribuída a qualidades sensíveis. As diferentes maneiras pelas quais podemos conhecer a mesma realidade não são independentes umas das outras, mas que se expressam mutuamente. A noção confusa de uma qualidade e sua distinta noção mecânica não são explicações separadas, mas sim diferentes níveis de expressão da mesma realidade. A sensação expressa, de certa forma confusa, a mesma realidade que a explicação mecânica expressa de forma diferente usando conceitos matemáticos. Entre conhecimentos confusos e os distintos graus de distinção possível, não há ruptura, mas uma continuidade expressiva. Cada um dos níveis de distinção que alcançamos no conhecimento expressa o anterior, mas também o seguinte.

Ora, quanto mais avançamos no conhecimento das qualidades sensíveis (atingindo um grau maior de distinção), quanto mais nos afastamos do conhecimento de qualidades de natureza sensível. Ao aprofundar-se no estudo das qualidades sensíveis, passamos de uma percepção confusa para uma compreensão mais clara de suas causas mecânicas. Este avanço implica, portanto, uma transformação na natureza que conhecemos. O que num primeiro nível (sensível) é apresentado como cor, sabor ou som, num nível mecânico de análise, traduz-se como uma combinação de figuras e movimentos. Assim, à medida que ganhamos acesso a um conhecimento distinto das qualidades sensíveis, deixamos de conhecê-los somente em suas qualidades sensíveis. Isso é precisamente o que Leibniz aponta no parágrafo *Novos Ensaio* que estamos analisando.

Se a confusão cessasse (como no caso do movimento [da roda] fosse lenta o suficiente para permitir que as partes fossem observadas e sua sucessão), não seria mais ela, isto é, não seria mais aquele fantasma da transparência. [...] é apenas uma expressão confusa do que acontece neste movimento, expressão digo, que consiste no fato de coisas sucessivas serem confundidas numa simultaneidade aparente, assim é fácil julgar que acontecerá o mesmo com respeito às outras aparências sensitivas (*fantômes sensitifs*) das quais não possuímos ainda uma análise tão perfeita, como das cores, dos sabores, etc. [...] bastar-nos-ia sob todos os aspectos compreendê-

los tão bem como esta transparência artificial, sem que seja razoável nem possível pretender saber mais; pois querer que esses fantasmas confusos permaneçam, e apesar disso se distingam neles os ingredientes pela própria fantasia, equivale a contradizer-se, é o mesmo que querer ter o prazer de ser enganado por uma agradável perspectiva, e querer que ao mesmo tempo os olhos vejam o embuste, o que valeria estragar esta perspectiva. (NE, IV, VI, §7)

Nesse sentido, o conhecimento mecânico não é uma simples substituição do conhecimento sensorial. Assim, de uma perspectiva epistemológica, as noções de qualidades sensíveis não seriam redutíveis (sem perda) a noções distintas que articular qualidades mecânicas sem perdas. No entanto, longe de ser isto uma desvantagem, esta irreducibilidade ao nível do conhecimento explica o valor epistemológico que, segundo Leibniz, abrange as noções de qualidades sensíveis. Como vimos, a função cognitiva das noções de qualidades sensíveis não consiste em fornecer um conhecimento exato do mundo físico: as qualidades sensíveis nada mais são do que fantasmas sensíveis, a percepção confusa de qualidades mecânicas.⁹³ Ao mesmo tempo, notamos que as explicações físicas destas noções sensatas não são epistemicamente equivalentes na medida em que resulta ineficaz no reconhecimento do objeto em questão. É justamente nessa limitação onde se manifesta o valor das noções de qualidades sensíveis: tornando possível o reconhecimento eficaz de objetos na experiência cotidiana, eles constituem um conhecimento que orienta e direciona a ação. O valor do conhecimento perceptivo e das noções de qualidades sensíveis em particular, residem, portanto, em sua dimensão prática: Identificar um objeto através de suas qualidades sensoriais nos permite antecipar eventos e agir de acordo.⁹⁴ Esse é o seu valor fundamental de maneira que, em última instância, não importa se trata da realidade ou aparência, desde que seja possível alcançar uma práxis humana bem-sucedida, ou pelo menos a aparência dela. A partir dessa perspectiva, as noções de qualidades sensíveis revelam-se indispensáveis para a experiência cotidiana.

Bibliografia primária

[A] Leibniz, Gottfried Wilhelm. *Sämtliche Schriften und Briefe*, Hrsg. Von der Akademie der Wissenschaften. Darmstadt-Berlin: Akademie-Verlag, 1923-

⁹³ Embora as qualidades sensíveis sejam fantasmas, também deve ser notado que as qualidades mecânicas. No contexto da metafísica leibniziana, elas não são verdadeiras qualidades “primárias” enquanto o mundo não consiste em mais de uma infinidade de mônadas imateriais.

⁹⁴ Na mesma linha, no § 14 do *Discurso da Metafísica* ele afirma: “[...] todos os nossos fenômenos, quer dizer que tudo o que pode nos acontecer é apenas uma consequência do nosso ser. Esses fenômenos observam uma certa ordem de acordo com a nossa natureza ou, por assim dizer, com o mundo que existe dentro de nós. Isso nos permite fazer observações úteis para regular nosso comportamento, que são justificadas pelo sucesso de fenômenos futuros; e assim podemos muitas vezes julgar o futuro por no meio do passado sem cometer erros. Isso seria suficiente para dizer que tais fenômenos são verdadeiros sem que nos preocupemos se eles existem fora de nós e se os outros também os percebem.” (A VI 4, 1549-1552)

- [E] Leibniz, Gottfried Wilhem. *Cartas para Princesas*. Echeverría, J. (ed.), Madrid, 1989.
- [L] Leibniz, Gottfried Wilhem. *Leibniz: Philosophical Paper and Letters*. Loemker (ed.), 1969.
- [NE] Leibniz, Gottfried Wilhem. *Nuevos Ensayos sobre el Entendimiento Humano*. Echeverría, J. (ed.), Madrid, 1977

Bibliografía secundaria

- Herrera Castillo, L. (2012). “La expresión como función. Sobre el carácter funcional del concepto de expresión en G. W. Leibniz”, *Revista Filosofía Universidad de Costa Rica*, 51(129-131), 263-271.
- Herrera Castillo, L. (2018). “Expresión y fuerza: formas de la funcionalidad desnuda em G. W. Leibniz”, *Revista Latinoamericana de Filosofía*, Vol. 44(2), 225-245.
- Kulstad, M. (1977). “Leibniz’s concept of expression”, *Studia Leibnitiana*, 9(1), 57-76.
- Kulstad, M. (2006), “Leibniz on Expression: reflections after Three Decades”, en Breger, Herbst y Erdner, *Einheit in der Vielheit*, pp. 413-419.
- Puryear, S. (2005) “Was Leibniz confused about confusion?”, *The Leibniz Review*, Vol. 15, pp. 95-123.
- Puryear, S. (2006). *Perception and representation in Leibniz*, [Tesis Doctoral, University of Pittsburgh].
- Puryear, S. (2013) “Leibniz on the metaphysics of colors”, *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol 86, N° 2, pp. 319-346
- Raffo Quintana, F. (2025) “Leibniz y la aplicación de la matemática a la física”, *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, 42(1), pp. 67-75.
- Simmons, A. (2015) “Perception in early modern philosophy”, en Matten (ed.), *The Oxford handbook of philosophy of perception*, Oxford, Oxford University Press, pp. 81-99.
- Swoyer, C. (1995). “Leibnizian expression”, *Journal of the History of Philosophy*, 33(1), 65-99.